

## A representação da Saúde nas eleições de Goiás no Jornal Diário da Manhã<sup>1</sup>

José Antônio Ferreira CIRINO<sup>2</sup>  
Simone Antoniaci TUZZO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### Resumo

Este trabalho nasce da tensão entre a Comunicação e a Saúde no discurso midiático buscando desvelar o significado da saúde apresentado nas notícias/textos que compõem a editoria de Política & Justiça do Jornal Diário da Manhã, periódico diário goiano. A partir de uma leitura crítica e uma análise social das 102 notícias que constituem esse corpus, verificou-se que a saúde é mencionada para fins eleitorais, com pouca participação da população como voz direta ou indireta, tratada na maioria das vezes com assuntos de investimentos e serviços públicos (unidades de atendimento em saúde), deixando em segundo plano as orientações e informações sobre saúde pública e preventiva, e todas as outras questões inerentes ao complexo sistema de saúde.

**Palavras-chave:** comunicação; saúde; política; discurso; eleições;

### Mídia como agente social de saúde

Ao tratar da representação midiática ou do discurso sobre saúde é importante ressaltar que se trata de um objeto com imbricações mais profundas e complexas do que as que emergem somente nas linhas do texto. As relações ali estabelecidas são jogos e estratégias de poder que refletem, mesmo indiretamente, interesses econômicos, políticos e também interesses especificamente eleitorais.

Essa pesquisa propõe-se a compreender o discurso que colabora para a formação da representação sobre saúde através das páginas de Política & Justiça do Jornal Diário da Manhã no período das eleições de 2014. O estudo é justificado com base na premissa de que a mídia é um agente social de saúde, sendo a indústria da informação um dos agentes da sociedade que contribuem (ou deveriam contribuir) para o complexo sistema da saúde (PAIM, 2009).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Cidadania na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Aluno participante do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. E-mail: tonny.mfc@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMESP, Docente do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. Trabalho desenvolvido na linha de pesquisa Mídia e Cidadania – PPGCOM – UFG. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

Vislumbrar a compreensão do discurso midiático em relação a saúde torna-se uma necessidade tendo em vista as diversas ações estratégicas e jogos de poder inter-relacionados propondo a criação de sentidos, imagens e percepções sobre o governo, políticos e instituições através da indústria midiática.

### **Discurso e poder**

De acordo com Thompson (2011, p. 71, grifo do autor), “nós estamos ativamente nos modificando *por meio de* mensagens e de conteúdo significativos oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas)”. O autor descreve ainda um processo de apropriação que a sociedade toma em relação aos produtos da mídia (e mais ainda em relação às novas mídias, redes sociais digitais), que nada mais são que discursos. Esses discursos são assimilados e introduzidos na vida de cada indivíduo.

O inegável poder da mídia tem inspirado muitos estudos críticos em muitas disciplinas: linguística, semiótica, pragmática e estudos do discurso. Tradicionalmente, os enfoques analíticos do conteúdo em estudos críticos da mídia muitas vezes revelam imagens preconceituosas, estereotipadas, sexistas ou racistas em textos, ilustrações e fotos. De igual maneira, os primeiros estudos da linguagem da mídia se concentravam nas estruturas de superfície facilmente observáveis, tais como o uso tendencioso ou sectarista das palavras na descrição de Nós e Eles (e nas ações e características Nossas/Deles) [...] (VAN DIJK, 2010, p. 124)

"As instâncias discursivas são constitutivas das relações de poder e estas dependem do capital simbólico dos agentes e instituições, que não pode ser desvinculado dos capitais econômico, cultural e social" (ARAÚJO, 2002, p. 36), mostrando a interdependência dos poderes. Dalmonte (2013, 59) afirma que “o discurso passa a ser, assim entendido, um campo de batalha, no qual a luta primordial é movida pelo desejo de apoderar-se do direito de formular e emitir discursos”. Para Charaudeau (2013) um dos focos da análise deve ser perceber a forma como os cidadãos são representados na mídia, afinal sua aparição é quase sempre relegada ao espaço de dominado e com menor poder de voz diante dos representantes dos aparelhos do Estado.

Ao discutir poder é inevitável citar o legado de Bourdieu (2000, p. 9) sobre o poder simbólico, que é: “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo [...]”. A luta travada ao longo dos séculos, nas diferentes formas de poder, é sempre voltada à busca da hegemonia (GRAMSCI, 1978).

As relações de poder dentro de uma sociedade organizada são imprescindíveis, por isso o que se propõe nesse artigo é verificar especificamente o ato que Van Dijk (2010, p. 28) chamou de usos ilegítimos de poder, o qual denuncia os atos que são executados para que haja manipulação, doutrinação e a desinformação, ambos devido a “abusos de poder comunicativos”. A dominação, porém, requer acesso privilegiado “aos meios de comunicação de massa e ao discurso público, um recurso compartilhado pelos membros das elites simbólicas” (VAN DIJK, 2010, p. 237).

### **Aspectos metodológicos**

Dentre as diversas possibilidades para essa pesquisa, optou-se por focar em analisar as notícias de um veículo impresso, pois de acordo com a pesquisa sobre os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira (BRASIL, 2014, p. 64), o tempo médio que o brasileiro dedica para um jornal é de 1h05minutos e “quando é feito o recorte por unidade da Federação, percebe-se que essa média varia de 45 minutos, para os respondentes do estado do Tocantins, até 2h12, para os leitores de Goiás”. Ou seja, os goianos são, da população brasileira, os que mais dedicam tempo na leitura do meio jornal impresso. Além disso, a mesma pesquisa ressaltou que as notícias e anúncios publicitários do jornal impresso ainda são os mais confiáveis para a população brasileira.

Já a escolha do Jornal Diário da Manhã (DM) se deu devido ao interesse dos pesquisadores-autores em aprofundar os estudos sobre esse veículo mantendo continuidade de outras pesquisas realizadas em que se verificou uma abordagem diferenciada da tradicional abordagem midiática sobre a saúde pública estadual de Goiás, por isso torna-se um objeto de estudo que possibilita a compreensão da provável tentativa em modificar a matriz discursiva em relação à saúde. O DM é um jornal diário com abrangência para todo o Estado e disponível gratuitamente no formato online.

O intuito desse artigo é compreender quais os discursos sobre saúde nas matérias sobre política do Jornal Diário da Manhã durante as eleições de 2014, pois entende-se que o período eleitoral é um importante momento com espaço para discussões e debates dos diversos temas que afligem a sociedade, mas será que de fato isso tem ocorrido? Que tipo de saúde se encontra nas notícias desse veículo? E em que contexto: de cidadania ou subcidadania?

O período eleitoral é regido por um calendário eleitoral, mas é um espaço de tempo grande para ser pesquisado dentro dos intuítos desse construto, pois as eleições se iniciam

no ano anterior, no caso de 2014 as ações começaram em outubro de 2013 e, de fato, o embate político-ideológico na tentativa de se criar e recriar conceitos e representações sobre políticos e suas ações é constante, não acompanha um calendário ou possui tempos determinados, o jogo de poder é em fluxo contínuo, mas tem momentos de maior incidência.

Nesse ínterim foi necessário um recorte para que se conseguisse realizar o estudo, principalmente para essa pesquisa que tem caráter qualitativo com o objetivo de aprofundar no fenômeno para descrevê-lo e compreendê-lo em seus desdobramentos, sem pretender uma diversidade numérica quantitativa. Fairclough (2001) orienta que uma das maneiras de obter a amostra é partir de um ponto crítico. Nesse caso em que a discussão permeia o discurso sobre saúde nas eleições de 2014 o ponto crítico passa a ser a votação em seu 1º e 2º turno. Partindo do suposto que há uma intensificação das matérias jornalísticas e as discussões mais críticas antes e depois do dia da votação, estabelecemos o seguinte recorte: a coleta de dados ocorreu em dois intervalos; 1) do dia 28 de setembro até 12 de outubro; e 2) do dia 19 de outubro até o dia 02 de novembro; abarcando sete dias antes e sete dias depois do primeiro e segundo turno, referentes as votações ocorridas nos dias 05 e 26 de outubro de 2014.

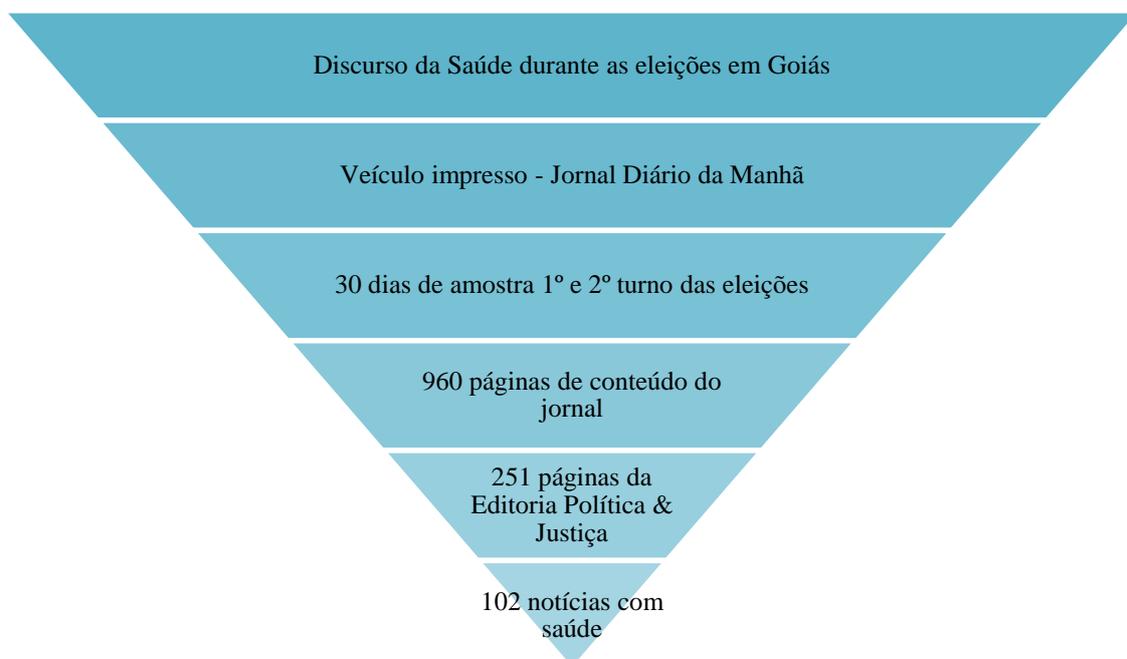
**Tabela 01 – Amostra para coleta de dados**

1º turno			2º turno		
28/09 até 04/10 7 dias	Ponto crítico: 05/10 Votação 1 dia	06/10 até 12/10 7 dias	19/10 até 25/10 7 dias	Ponto crítico: 26/10 Votação 1 dia	27/10 até 02/11 7 dias
15 dias			15 dias		
<b>30 dias de amostra total</b>					

Mesmo com esse recorte ainda se tratava de uma amostra numerosa, pois o jornal possui uma média de 32 páginas de conteúdo (excluindo Classificados) publicadas diariamente, o que levaria ao estudo de 960 páginas na tentativa de cruzar as duas informações (política e saúde), o que inviabilizaria o estudo. Dessa maneira, foi estabelecido mais um filtro/recorte: analisar somente as notícias publicadas na editoria *Política & Justiça*, tendo em vista que seriam matérias nitidamente voltadas a um dos temas que pretendia-se analisar, ocasionando na busca do segundo tema dentre essas notícias. Nessa definição excluíram-se as editorias/cadernos que integram o jornal: Cidades, Esportes, Mundo, Economia, Opinião Pública e DM Revista.

A coleta de dados a partir da amostra estabelecida para essa pesquisa ocorreu diariamente através do site do jornal que disponibiliza gratuitamente as páginas do periódico. Foram coletadas 251 páginas (26,14% do total de páginas totais que o jornal possui nesse período da amostra) que compõem a editoria Política & Justiça, identificada com uma caracterização gráfica no topo de suas páginas com os dizeres “Eleições 2014 – Sucessão”, devido ao período de eleições. A segunda etapa da coleta de dados foi realizada a partir de uma leitura crítica do material publicado nas páginas de Política & Justiça. O propósito foi identificar quais matérias tratavam sobre saúde e suas diversas possibilidades de conceitos. Após essa varredura foram encontradas 102 notícias/matérias que traziam menções diretas/indiretas sobre saúde, estabelecendo essa como a amostra final.

**Figura 01 – Representação gráfica do processo de recorte amostral**



Foi gerada uma planilha para catalogação e estudo dos dados obtidos para que além de uma análise crítica geral das questões pudessem ser empreendidos apontamentos sobre algumas características principais. Essas categorias deveriam responder aos seguintes anseios científicos: qual o assunto da notícia em política que aborda saúde? Nessas notícias a abordagem da saúde é direta ou indireta? Qual categoria e subcategoria de saúde referem-se a essa notícia? Quem tem voz privilegiada nessas notícias direta e indiretamente, os políticos ou a população? A saúde ali apresentada traz um sentido de cidadania plena ou incompleta, ou seja, de cidadania ou subcidadania?

Tabela 02 – Categorias de análise

Assunto da notícia	Abordagem da saúde	Assunto da saúde	Tema geral Saúde	Subtema saúde	Vozes indiretas	Vozes diretas	Cidadania
Categoria das notícias	Direta ou indireta	Tema da discussão em saúde	Categoria em saúde	Subcategoria em saúde	Político, população ou outros	Político, população ou outros	Plena, incompleta, ambos

O método escolhido para a análise prevê o olhar dos Estudos Críticos do Discurso destacado por Van Dijk (2010) e também a Análise Crítica de Discurso proposta por Fairclough (2001), embora sem utilizar as ferramentas e categorias da análise tridimensional que estuda a relação do texto, práticas discursivas e práticas sociais em uma abordagem sociolinguística, pois a quantidade da amostra não suportaria uma análise linguística. Tendo em vista que o intuito foi promover uma análise qualitativa com base nas 102 notícias selecionadas, optou-se por empreender uma análise social com base em uma leitura crítica descritiva das menções e discursos sobre saúde referente ao corpus, ou seja, discussões sobre os pontos que despontaram da categorização das matérias e dos resultados obtidos a partir disso. Outras análises e estudos poderão fluir a partir desse artigo que pretende ser inicial para a compreensão de como a saúde tem sido abordada na relação com a política nos veículos de comunicação.

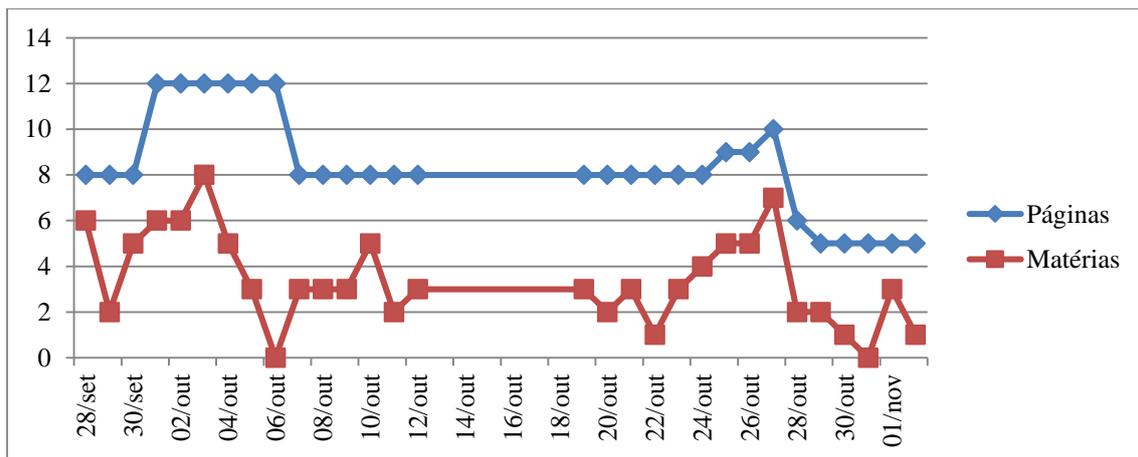
#### **A saúde das eleições de 2014**

Essa análise verificou os sentidos propostos pelas notícias de política durante o período das eleições partindo do local de fala que o discurso ali expresso tem capacidade de mudanças na realidade social e nas próprias representações do que é saúde, ou como a população compreende esse direito social. É importante destacar que apesar do uso de gráficos e números para a análise, estes só colaboram para verificação de incidência de tais ações, sem o intuito de extrapolá-lo a um universo maior, mas sim para entendê-lo dentro do fenômeno observado.

Antes das categorias principais de análise, verificamos os sentidos no gráfico de incidência das menções de saúde na amostra coletada. Conforme já dito, foram 102 notícias mencionando saúde, sendo em média 3,4 notícias/dia, mas estas se dividem de maneira desigual em quantidades por dias pesquisados. A quantidade total de páginas da editoria também foi desigual durante a coleta da amostra, com um total de 251 páginas e média de 8,36 páginas/dia.

As menções sobre saúde na figura 02 não acompanham necessariamente um padrão devido ao aumento ou diminuição de quantidade de páginas no jornal, porém evidenciamos dois picos principais de menções da saúde, o primeiro teve seu ápice no dia 03 de outubro, com oito menções no dia, decrescendo até chegar ao ponto de não ter menções no dia 06 de outubro – dia após a votação no primeiro turno, provavelmente pela necessidade de reforçar projetos e ações dos candidatos pré-votação. Já o segundo pico teve um comportamento diferente, o ápice das menções ocorreu no dia 27 de outubro – dia após a votação do segundo turno – foram sete menções da saúde, sendo que após essa data as menções diminuíram vertiginosamente - e também a quantidade de páginas dedicadas à editoria política. Ao consultar as notícias se percebe que a segunda ocorrência do pico refere-se à rememoração dos principais feitos pelo candidato eleito nas diversas áreas, incluindo a da saúde.

**Figura 02 – Quantidade de páginas da editoria Política X incidência das menções em saúde**



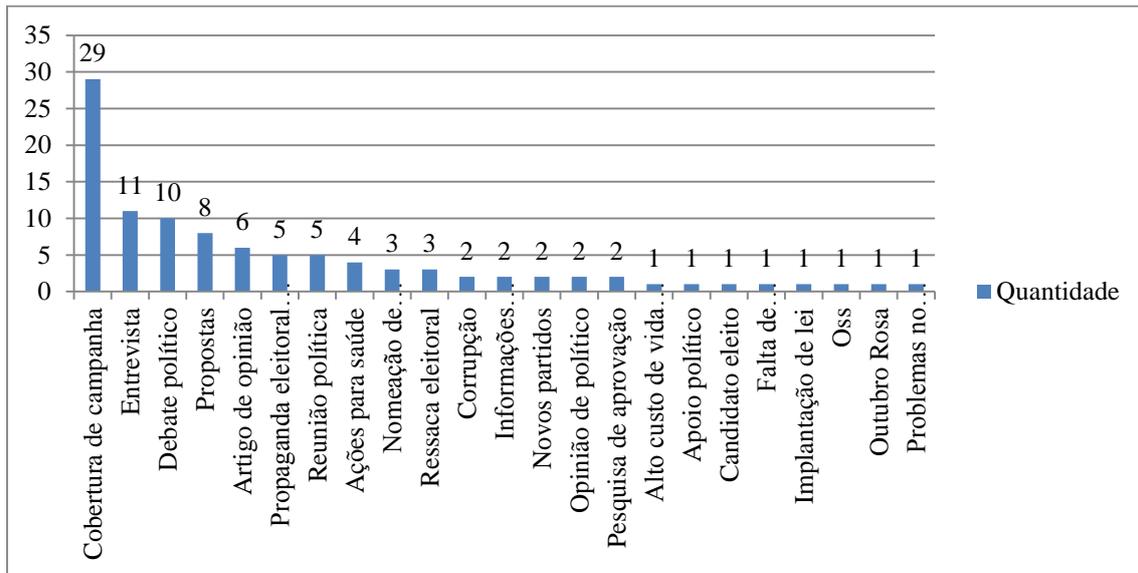
Em qual cenário estavam inseridas as notícias sobre saúde, ou em outros termos, em que tipos de notícias políticas havia a menção da saúde? As menções de saúde foram concentradas principalmente nas notícias de cobertura de campanha (29), entrevistas (11), debates políticos (10), propostas (8), artigos de opinião (6), propaganda eleitoral obrigatória (5), reunião política (5) e ações para a saúde (4), que totalizaram 78 notícias, 76,47% da amostra.

As demais categorias de assuntos, apesar de não possuírem quantitativo maior também devem ser analisadas, pois demonstram assuntos que poderiam ser mais, ou melhor, abordados, são eles: três notícias - nomeação de secretários, ressaca eleitoral; duas notícias - corrupção, informações negativas sobre candidato, novos partidos, opinião de

político, pesquisa de aprovação; uma notícia - alto custo de vida em Goiânia, apoio político, candidato eleito, falta de investimentos na saúde e na limpeza de Goiânia, implantação de lei, organizações sociais, outubro rosa, problemas no município.

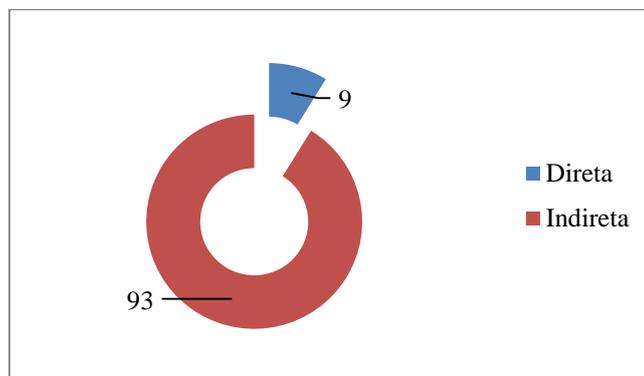
As notícias foram classificadas em 23 categorias de assuntos, conforme gráfico da figura 03.

**Figura 03 – Assuntos das notícias em ordem decrescente de menções**



As notícias foram catalogadas no sentido de compreender se tratavam o tema de saúde como foco principal ou se a saúde era abordada de maneira indireta no texto. O resultado foram 93 notícias com abordagem indireta e nove de abordagem direta.

**Figura 04 – Abordagem da saúde**



Esse resultado reflete que embora a saúde seja um dos principais direitos sociais foi abordada de maneira direta pela notícia, apenas em nove de 102 matérias, todas as outras 93

trataram a saúde de maneira indireta, como gancho ou suporte de outros temas. Dos assuntos de saúde abordados nessas notícias, as discussões das notícias que abordaram diretamente a saúde foram: Proposta de melhorias para o SUS; População exige nova unidade hospitalar para regiões distantes da capital; Obras em andamento em Aparecida de Goiânia; OSs e hospitais públicos em debate na TV assembleia; Primeira-dama apoia campanha do Outubro Rosa durante carreatas; Repúdio do deputado à limitação de mamografia no SUS para mulheres acima de 50 anos; Faltam investimentos na saúde pública municipal em Goiânia; Iris traz possível nomeação de secretário em seu governo e propostas de melhorias e investimentos na área da saúde; Críticas ao projeto Mais Médicos.

Já as notícias que abordaram a saúde de maneira indireta falaram de diversos assuntos, cada qual com sua temática. Desse modo, para compreender sobre qual saúde foi retratada nas notícias (diretas e indiretas) investigamos quais eram as categorias principais de tema da saúde e os possíveis subtemas que estariam englobados nelas. Essas categorias indicam diretamente a forma como a saúde foi abordada nas notícias, e não exatamente quanto ao tema geral da notícia. Não foram analisadas questões referentes ao espaço concedido à saúde nessas menções, mas sim qual o teor dessa saúde ali expressada.

Como categorias principais que emergiram da análise das notícias e a quantidade dessas notícias: Investimentos (42); Serviços Públicos (38); Administração (9); Saúde Pública (7); Saúde mental (3); Doença (2); Humanização (1). Cada categoria, em ordem decrescente de incidência, abordava as seguintes discussões:

Investimentos – nessa categoria encontramos uma dualidade, ou uma polaridade, que foi identificada em um contexto geral quanto à abordagem desse veículo de comunicação para a saúde. De um lado, investimentos em saúde, valorização dos profissionais, obras realizadas na saúde, uma saúde que tem qualidade e é eficiente. Do outro, falta de investimentos em saúde, falta de médicos, profissionais desvalorizados, obras inacabadas ou nunca realizadas na área da saúde, falta de hospitais e insumos, e falta de qualidade no atendimento. Numa análise mais pontual, percebe-se que a saúde que tem investimentos é a saúde tratada e abordada no discurso político da *situação*, ou seja, o governo que estava em execução (e que também foi reeleito). Do outro lado, a *oposição* trabalha constantemente no discurso político sobre caos na saúde pública, como a parte em que faltam investimentos. Como contraposição, a própria *situação* afirma que a saúde Estadual tem investimentos e está funcionando, e que a saúde Municipal é a que está sendo criticada pela *oposição*. Nesse entremeio também existem as notícias que pedem

proposições de investimentos na saúde, mas essas são em menor incidência e quase sempre por parte dos próprios políticos. Percebe-se que, diferente do que se trazia anteriormente em discurso sobre a saúde pública ineficiente *versus* privada eficiente, há hoje no Estado de Goiás a polarização entre a saúde estadual eficiente *versus* municipal ineficiente. Apesar da polarização, os sentidos de saúde que aqui se sobressaem – devido a maior incidência - são de uma saúde melhor, com mais investimentos e descentralizada – através das diversas obras por todo o Estado.

Serviços públicos – nessa categoria foi possível identificar notícias que tratavam da saúde especificamente como um serviço público e seus diversos aparelhos, num sentido mais mecanicista ou tecnicista da saúde, vislumbrando as questões específicas das estruturas de atendimento. Dentre essas estruturas de saúde duas ganharam destaque e apareceram mais vezes nas notícias enfocando as melhorias que elas trariam para a população: o Hospital de Urgências de Goiânia 2 (Hugo 2) e os Centros de Referência e Dependência Química (Credeqs), o primeiro com abordagem direta de melhoria para a saúde de alta complexidade para o Estado de Goiás, desafogando os atendimentos no Hugo 1, e o segundo trazendo também a questão da segurança pública, por ser uma unidade que tratará de dependentes químicos, unindo dois temas claramente utilizados nas eleições de 2014 em Goiás e em todo o país. Outras unidades também foram citadas nas notícias, basicamente toda a rede Hugo foi foco de diversas menções. A rede Hugo é uma rede de atendimento composta dos hospitais de urgências da rede estadual, que de acordo com as pesquisas – conforme citado nas notícias – possui mais de 90% de aprovação de seus usuários. Novamente aqui são resgatadas as questões da polarização da saúde municipal ineficiente e estadual eficiente.

Administração – Dentro da categoria administração foram discutidos temas relacionados às Organizações Sociais (OSs) em saúde, um lado apoiando e valorizando as ações da dita *gestão inteligente do SUS* – conforme é divulgado pelo governo -, e do outro, do lado opositor, a necessidade de retirar as OSs da administração das unidades de saúde. As OSs na administração da rede Hugo foram um dos principais temas da campanha do governador reeleito. Nos textos que se referem a essa questão foram sempre ressaltados os bons resultados obtidos com a gestão das OSs, com referência principal à qualidade do atendimento.

Saúde pública – Do ponto de vista de uma mídia cidadã essa é a categoria que deveria ter sido a mais encontrada nas notícias, mas que de fato não o foi. As notícias que

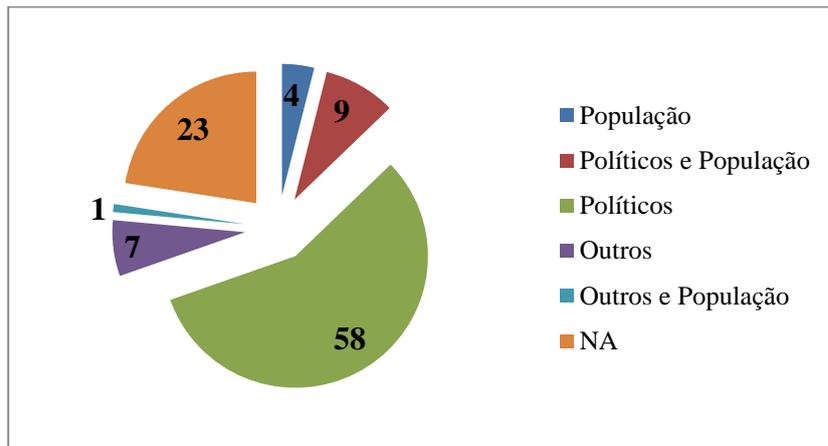
trouxeram essa temática discutiram poucas questões inerentes ao Sistema Único de Saúde e saúde preventiva, dentre elas: a necessidade de projetos e campanhas de saúde voltadas para a juventude, o programa Mais Médicos do governo federal, a lei dos 60 dias – que trata do período limite para atendimento de pessoas com câncer, outubro rosa e exames de mamografia, e o combate à dengue. Cada um desses temas possui um grau de impacto e importância não considerados para os critérios de noticiabilidade dentro dos textos do jornal, visto que foram priorizadas discussões e jogos políticos, ao invés das reais necessidades da população.

As outras categorias referem-se à saúde mental, discussão voltada simplesmente à dita “ressaca eleitoral” pós eleições e a possível saúde mental dos políticos após esse processo; doença, que trouxe duas referências à políticos com problemas de saúde, mas sem uma discussão aprofundada, apenas como relato; e a questão da humanização, que foi encontrada apenas em uma notícia das 102 desse corpus. A bandeira da saúde humanizada foi levantada por um político que citou esse ponto em uma matéria relacionada à cobertura de sua campanha, mas também sem traçar propostas ou formas de se alcançar essa humanização.

Outros fatores analisados são as vozes presentes nessas notícias de política que abordam saúde. Como critério de busca foi estabelecido três opções de vozes para as diretas ou indiretas: políticos (qualquer candidato ou eleito), população (qualquer pessoa que representasse a voz da sociedade) e outros (órgãos oficiais, especialistas, etc.). Assume-se como voz direta aquela utilizada no texto entre aspas e voz indireta aquela apenas citada como a fala de alguém, não fazendo uso direto das palavras do indivíduo, mas fazendo menção a sua ideia.

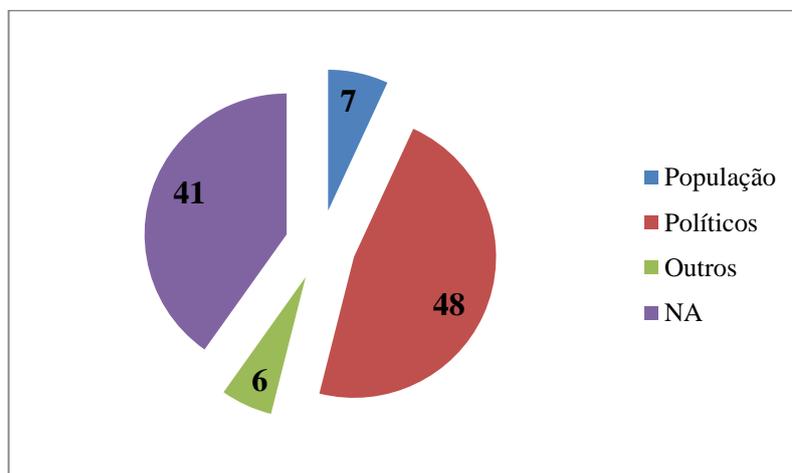
Os resultados demonstram que os políticos (58) foram as principais fontes de vozes diretas utilizadas nas notícias analisadas, seguidos de notícias sem expressões de vozes (23) (NA - não se aplica), políticos e a população (9) dividindo espaço, apenas a população (4), outros (7) e outros e a população (1). Ou seja, os principais falantes dentro dessas notícias são os que detêm o poder, a classe política. Por mais que sejam notícias dentro de uma editoria de política e em períodos eleitorais, a população deveria ter mais espaço de expressão, ou ao menos um equilíbrio de vozes.

**Figura 05 – Vozes diretas**



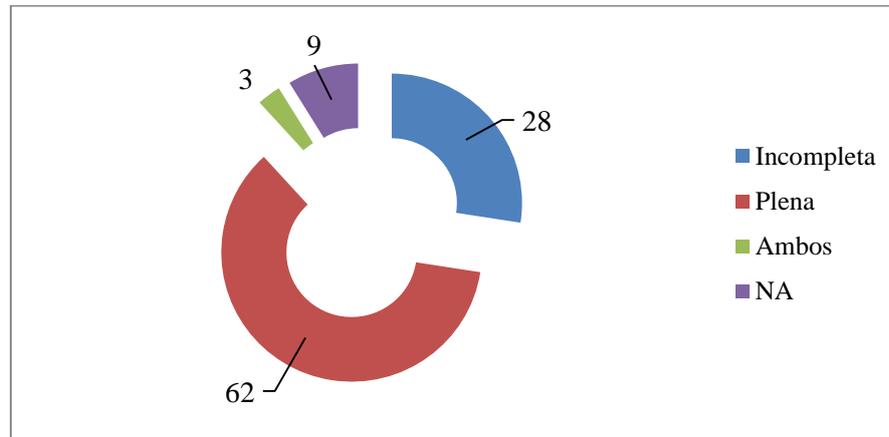
Os políticos (48) também foram os principais agentes que se expressaram através da voz indireta nas notícias, seguido de notícias sem expressões/citações indiretas de fala (41) (NA – Não se aplica), apenas a população (7) como fonte indireta e outros (6). Novamente aqui fica nítido o desequilíbrio de vozes presentes nas matérias sobre saúde ou que citam saúde.

**Figura 06 – Vozes indiretas**



Foi investigado na questão da cidadania, na menção da saúde, se essas davam sentido de uma cidadania plena - na qual as pessoas são cidadãs atendidas em suas questões principais, como a educação, saúde e segurança pública, nesse caso específico sobre a saúde; e cidadania incompleta - se o sistema de saúde é falho e seus direitos não são efetivos; havia também a possibilidade de notícias com ambas as menções ou ausente - sem discussões que pudessem fundamentar essa análise.

**Figura 07 – Cidadania X Subcidadania**



As notícias tratam prioritariamente de uma saúde ao alcance dos cidadãos e por isso plena (62), mas também existem as que trazem uma abordagem de incompletude (28), em que a saúde não é eficiente, não possui qualidade e precisa de investimentos. Poucas trouxeram a dualidade polarizada da cidadania e subcidadania implícitas em um mesmo texto (3), e em algumas delas não houveram discussões aprofundadas que levariam a um sentido para essa compreensão (9). O mais importante nessa análise da cidadania é entender que a perspectiva de cidadania *versus* subcidadania proposta pelo olhar midiático advém, nesse caso, de interesses políticos, pois por mais que a área precise de melhorias, para a divulgação em períodos eleitorais ela está em ascendência e sempre melhor. As menções de incompletude ou subcidadania vieram da oposição do governo ou sobre a saúde municipal de Goiânia, na polarização entre os dois lados do jogo de poder conforme explicitado no tópico investimentos.

O conceito de subcidadania foi apresentado inicialmente por Souza (2012), esse termo pode ser identificado nas representações e discursos midiáticos referente a saúde, pois o que é abordado é sempre algo que falta. O cidadão nunca pleno busca o atendimento, ou qualidade nesse atendimento, ou até mesmo, que o próprio atendimento aconteça. Encarar a subcidadania é aceitar a condição *sub* em que a sociedade está mergulhada (TUZZO, 2014).

### **Elucidações**

O discurso sobre saúde impresso nas páginas de Política & Justiça do Jornal Diário da Manhã no período das eleições revela uma dualidade tradicional ao se representar a

saúde através da cobertura jornalística: eficiência *versus* ineficiência. Nessa balança o que diferencia se irá pender para um lado ou para outro são os pesos colocados juntos em cada um desses lados. Para esse objeto de estudo percebe-se que houve um peso ou força maior exercida do lado da saúde eficiente, em que as percepções levam a crer que melhorias e investimentos foram realizados e estão em andamento para a questão da saúde.

Especificamente essa pesquisa demonstrou que os interesses políticos sobressaíram aos interesses da maioria em números e minoria em poder (cidadãos). A saúde foi utilizada como apelo de campanha eleitoral e apesar de ser realmente esse o foco dos políticos durante as eleições esse papel ao menos não deveria ser estendido à mídia. Portanto há também uma discussão cabível dentro dessa perspectiva no sentido de analisar se as notícias que foram coletadas estão atuando com o propósito de narrar fatos e acontecimentos ou no intuito de divulgar ações políticas, uma publicidade mascarada de jornalismo. O próprio pico de notícias antes da votação do primeiro turno possibilita refletir sobre essa situação.

Outra elucidação vem à tona em relação aos principais anseios da população que são espelhados pelos políticos em seus discursos que estiveram explicitados através dos textos jornalísticos: a tríade da melhoria - educação, saúde e segurança pública. Educação e segurança pública estiveram na maior parte das menções perto da saúde e ocuparam parte das propostas políticas. Se a saúde faz parte do *top* três de anseios dos cidadãos e das promessas políticas, as obras e ações realizadas na saúde acabam sendo motivo de trunfo e uma espécie de troféu. Na maior parte das citações em que eram explicitadas obras, leis e investimentos, todas eram mencionadas vangloriando os políticos que a realizaram e não exatamente a obra em si, afinal tudo que é realizado pelo governo é se não da própria população, ao invés de ser o hospital do governante X ou Y, como foi abordado.

Saúde é uma área de apelo social, por isso quando recebe apoio e investimentos é foco da cobertura midiática nem sempre no intuito crítico de analisar a conjuntura, mas de divulgar ações de políticos e não ações políticas. Questões de saúde pública e preventiva apareceram, mas em menor incidência ou profundidade de discussão. O espaço midiático, considerando sua essência pública de concessão, deve ser melhor utilizado para orientar a população sobre o uso do sistema público de saúde, ou sobre campanhas de prevenção.

Quanto à população, essa teve voz em algumas das notícias, mas apenas com elogios e manifestações de agradecimento durante as carreatas dos textos sobre cobertura de campanha. Aqui cabe uma reflexão: onde estão as pessoas que protestaram em junho de 2013 pedindo dentre várias questões, melhor saúde?! Não há como criticar apenas o veículo

por não expressar a voz da população, pois a população também deve exigir seu espaço de voz dentro dos veículos midiáticos e não somente se expressar através das redes sociais digitais em ações nem sempre ordenadas. Em um artigo de opinião do dia primeiro de outubro, que está dentro da amostra estudada, o autor diz que vários políticos estão se elegendo e reelegendo e simplesmente usufruindo dos recursos públicos sem realmente aplicá-los em áreas como a saúde, "matando sonhos e pessoas todos os dias". Exatamente por esse motivo que devemos esperar mais da mídia, para que esse aparelho ideológico assuma a postura e seu papel de agente social da saúde ao invés de apenas servir como peça nos jogos de poder eleitorais, principalmente em um momento tão crucial para a definição do futuro do Estado e do País como são as eleições.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inesita Soares. **Mercado simbólico**: interlocução, luta, poder: Um modelo de comunicação para políticas públicas. 2002. 352fls. Tese - Doutorado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação – CFCH. Rio de Janeiro, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- DALMONTE, Edson F. O jornalismo enquanto formação discursiva: as regularidades enunciativas como estratégia de proposição de verdades. In: DALMONTE, EF (org.). **Teoria e Prática da Crítica Midiática**. Salvador: EDUFBA, 2013b.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- PAIM, Jaimilson Silva. **O que é o SUS** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009.
- SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica** / Jessé Souza. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio De Janeiro: IUPERJ, 2012.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- TUZZO, Simone Antoniaci. O lado *sub* da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: PAIVA, Raquel e TUZZO, Simone Antoniaci (Orgs). **Comunidade, Mídia e Cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje**. Goiânia: FIC/UFG, 2014. p. 151-180
- VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.